

2012 | 2 | art1 | Estética, de múltiplos significados e rara precisão | AQUINO, Victor

ESTÉTICA, DE MÚLTIPLOS SIGNIFICADOS E RARA PRECISÃO

| Victor Aquino¹ |

RESUMO: O presente trabalho, novamente e ainda uma vez, recupera a necessidade da objetividade em uma área na qual prosperam as ideias, ampliando o alcance e, por isso mesmo, tornando cada vez mais difícil o entendimento de uma palavra que já neologismo, que definiu campos de estudo, mas que, simultânea e gradativamente, ganhou as ruas, tornou-se agregador de valor na designação de negócios, classificador da condição visual da aparência e assim por diante.

PALAVRAS CHAVE: Estética, semântica, visibilidade, filosofia, gosto.

Estética, instigante objeto do interesse de tantos estudiosos, tem sido simultaneamente a área clássica da filosofia da arte e o campo apropriado às incontáveis reflexões sobre a percepção humana. Igualmente, contempla estudos sobre seus reflexos culturais, implicações sociais e variações de gosto, ou preferências individuais.

Cada vez mais presente como disciplina em estruturas curriculares de diferentes áreas de formação, ultrapassa os limites aos quais esteve restrita durante quase três séculos, para instalar-se como uma constante preocupação contemporânea. Sem perder o fulcro original de consagrada área de estudos, contudo, foi ao longo das últimas décadas, aos poucos transformada em motivo de interesse, apropriação e uso com outras aplicações.

Talvez por causa da generalização excessiva de termos que a todo instante são veiculados pelos meios de comunicação, este em particular acabou assumindo sentidos que o fazem ser empregado de maneira indiscriminada. São tantas as aplicações às vezes vulgares, cuja correspondência indica grande distância do sentido original. Inclua-se entre estes a apropriação que o campo médico fez do termo, para classificar a área de cirurgia plástica.

Com isto, verificou-se a transformação do significado original num múltiplo de situações. Situações que indicam o emprego do termo estética, indicação institucional ou da especialidade de clínicas de emagrecimento, cirurgia plástica, endocrinologia e odontologia, além de ter sido transformado em sinônimo para os fazeres da maquiagem, salões de cabeleireiros, podólogos e infinitas outras aplicações profissionais envolvendo o vestuário e a aparência humana.

A grande questão é saber se estaria havendo um equívoco na utilização do termo? Ou, se estariam todos quantos o usam, apropriando-se indevidamente da designação de uma área tradicional de estudos para classificar outras coisas?

A resposta é não.

Desde o aparecimento do termo, em meados do Século XVIII, quando Alexander Gotlieb Baumgarten, literalmente, criou o neologismo para explicar as razões, os modos e os alcances da percepção artística, seu emprego vem resultando em muitos outros significados além daqueles que o terão originado. Derivado do grego, αισθητική, significa percepção sensorial. “Serviria originalmente para designar a percepção sensível em

oposição à ciência do conhecimento”.ⁱⁱ

Alexander Baumgarten viveu na Alemanha, entre os anos de 1714 e 1762. Seu mérito foi o de ter sido o primeiro autor a isolar o sentido de algo que queria expressar, utilizando-se do neologismo que ele próprio incorporou ao vernáculo acadêmico da época. Socorrendo-se do significado da palavra grega “aisthétikos” (suscetível de ser percebido pelos sentidos), propôs a separação do conhecimento do “belo” das outras partes da filosofia.

Para ele (e n sua época) a teoria do conhecimento (gnosilogia) dividia-se em duas partes: “inferior” e “superior”. Na primeira situava-se o “saber sensível”. Na segunda, o “saber intelectual”. Incluiu a estética na segunda parte, definida como “a ciência do pensar belo ou correto” (*scientia pulchre cogitandi*), cuja motivação consistia na “busca da perfeição do conhecimento sensível” (*perfectio cognitionis sensitivae*).

Como ciência da criação artística, ciência do belo ou do correto, a estética pode ser entendida como filosofia da arte. Aliás foi assim que funcionou (e ainda funciona) superlativamente. Ela estuda racionalmente o belo, assim como o sentimento que ele suscita no indivíduo quando frente à criação artística. Associada à noção de beleza, ela ocupa uma posição privilegiada na relação do indivíduo com a arte. A arte, por sua vez, teria como função primordial exprimir o belo de maneira sensível.

Em conseqüência, a estética como disciplina filosófica estaria permanentemente voltada para as teorias de criação e de percepção da criação artística. Vale dizer que esse conceito de “belo”, tão comum e fartamente usado até o advento da arte moderna, também sofreu uma modificação de sentido ao longo do tempo.

Cada período histórico, como cada cultura em particular, dispõem de padrões próprios de beleza (ou qualquer outro padrão que regula as aparências pessoais), ou definição de forma e conteúdo de tudo que predomina ou tem aceitação generalizada. Desse modo, fatores políticos, econômicos, sociais, científicos e tecnológicos que predominam em determinadas épocas em cada cultura influem no modo de perceber e “aceitar” esses padrões. Desse modo, observar e compreender o mundo contemporâneo a partir das formas vigentes de expressão artística, ou das correntes de gosto e estilo que predominam na atualidade é exercício, quando não complexo, altamente perturbador. Pois de um lado, localiza-se a profusão dos meios e recursos mediante os quais o ser humano expressa idéias, confessa sentimentos, aborda questões de maior ou menor interesse comum ou, ainda, cria modos de dizer que são, ou não, percebidos pelo semelhante, transcendendo aos limites dos códigos e convenções conhecidos, experimentados, praticados. De outro, a confusão de sentidos que essa abundante produção a cada instante propõe compreender.

Dois problemas relacionados ao método de observação e estudo, entretanto, emergem dos cenários que aparentemente compõem a realidade constituída por meios e linguagens da expressão artística contemporânea. O primeiro problema diz respeito aos recursos que se disponibilizam indiscriminadamente a quem deseja, não importando os objetivos, expressar-se, exhibir-se, dizer de algum modo alguma coisa. O segundo, ao acesso e ao domínio dos códigos estatuídos. Códigos que aparentemente encontram-se restritos a uma esfera reduzida de praticantes, que se expressam, exibem-se ou dizem de alguma coisa, usualmente percebida por muitos, embora compreendida por poucos.

Observar e compreender o mundo contemporâneo em tais circunstâncias é igualmente um dilema. Pois, ou se exercita qualquer método respaldado em alguma teoria de ampla aceitação, ou se propõe cabal revisão de postulados que usualmente decorrem dessas teorias. Por quê? Pela simples razão de que aparentemente não faz mais sentido intentar medir “coisas” diferentes com igual medida, ou, “coisas” que pela natureza seriam iguais com medidas diferentes.

Se não, vejamos.

A partir do momento em que as novas tecnologias disponibilizaram novos modos de expressão, do mesmo modo, evidenciou-se uma variedade enorme de produções, até então não convencionais. Este evento fez expor uma variada gama de expressões humanas em uma imensa vitrine, na qual tudo o que é criado pelo gênio humano, movido pela raiz da arte, passou a ser posto.

O primeiro resultado dessa exposição é fazer constatar que, no conjunto de tudo que a Civilização já produziu, num instante, emergindo uma diferença entre aquilo que é efetivamente “novo” e aquilo que historicamente é “tradicional”. A consagração dessa diferença, em si, já afirma o princípio da mudança no sentido da arte.

“Rupturas”, como insistem alguns, têm sido muito pouco para classificar mudanças nas formas de expressão entre antigos e novos modos de expressão. Pois muda entre elas não apenas o estilo de expressar. Mudam, sobretudo, os meios. A classificação, então, que se faz entre elas, considerando algumas como “expressão de segunda linha”, “arte secundária”, “arte menor” ou “tentativas de arte” nada mais são do que a evidência da perda de sentido da própria arte, entendida esta na dimensão do conceito clássico de arte.

O surgimento e a consolidação do design como um meio muito além de sua função prática e utilitária, de real expressão artística, passa a configurar o cenário de toda a produção da arte contemporânea, como espaço no qual se gera uma grande dúvida: seria o design apenas uma nova forma de expressão artística ou, ele próprio, uma nova arte?

Embalagens, infinitas peças de mobiliário, produtos os mais diversos (de um simples sabonete a variada relação de artigos de uso pessoal), automóveis, motocicletas, bicicletas, peças de campanha publicitária, roupas e uma infinidade de outros itens que, a cada dia inundam o meio em que se vive, podem não apenas conter os recursos da utilidade a que se destinam, como transmitir conteúdos de uma criação que transcende aos sentidos da mera utilidade.

Nesse sentido, convém salientar principalmente as roupas que, por convenção própria, integram o chamado “universo da moda”. Terá sido a partir do instante em que se começou a considerar moda como arte que um outro dilema se fixou nos cenários de estudo da arte: a identificação dos aspectos superlativos da criação de moda poderia ser um outro ingrediente da diferença.

Uma diferença que, diga-se de passagem, estabelece no processo de criação correspondente uma escala que compreende dois valores distintos. Um valor que a aproxima da criação artística. Outro que a distancia desta. São valores que, em outras palavras, decorrem do arbítrio de quem detém uma espécie de “mandato” para assim classificar o que é moda e o que não é.

As “medidas” usualmente aplicadas dependem sempre do gosto, da opinião, do critério e da predisposição de alguém, que são fixadas arbitrariamente.

i Doutor em ciências. Professor titular de estética em publicidade, ECA-USP.

ii Brugger, W. “Estética”, Dicionário de filosofia. São Paulo, Herder, 1962, 207-209.